

TUDO

pode se romper

L. C. Castanheiro



*Contar a verdade nunca é simples ou fácil. Por isso só os melhores de nós
tentam.*

– Daredevil

*Uma coroa de papel e um coração feito de vidro, um vestido esfarrapado e um
reino de cinzas. Ela caminha sozinha.*

Ela nunca pode olhar para trás.

*A história de uma rainha, cujo castelo caiu ao mar. Ela sobreviverá, mas nunca
mais será a mesma. Ela olha para baixo, para as cicatrizes que permanecem.*

Mas você se mantém no seu lugar, embora seus reinos estejam em chamas.

*Porque é a história de uma rainha, cujo castelo caiu ao mar, sabendo que
ninguém será o rei que virá salvar a sua rainha. Quando tudo o que ela preci-
sa, quando tudo o que ela quer, quando tudo que ela encontra, quando tudo o
que ela é e sempre foi, está comprometido. Pois não tem ninguém para te amar
quando você constrói seus muros tão altos. Ela está desviando o olhar da guerra
que está por dentro. Ela está gritando, porque ninguém sobreviveu. Mas quando
você está completamente sozinha, você espera e se esconde. Pois é a história de
uma rainha, cujo castelo caiu ao mar... e não existe ninguém que seja forte o
suficiente para salvar seu amor. Não existe conto de fadas.*

– Alec Benjamin

TUDO PODE SE ROMPER

L.C.Castanheiro

QUERIA UMA DESPEDIDA DIGNA DE MIM MESMA

01 de janeiro de 2016

Quinze horas e dezenove minutos.

Tavy está dormindo, e eu resolvo voltar a escrever.

Jake. Altura: 1.62 metros. Idade: 17 anos e 3 meses.

Estou indo para o terceiro colegial — acho que o “A” — E tudo o que você precisa saber sobre mim é exatamente o que estou começando hoje. Não que eu tenha resolvido apagar as memórias, talvez. Mas é que agora dispenso apresentações.

Não é a primeira vez que escrevo assim. Então se de algum modo eu já sei quem sou, você também vai ficar sabendo.

Até gostava de registrar esses começos, assim não me esquecia do que havia sido até o preciso momento de encher as páginas com o grafite de um lápis. Ou a tinta de uma caneta esferográfica. A transição entre passado e presente é uma mudança que necessita ser explicada, e a comparação entre os detalhes é um fantasma que sempre estará presente. Com o tempo aprendi que o que importa é o que somos no momento, e o que eu sou... está bagunçado, porque ando um pouco triste.

Meu nome é Jake Carstairs, e agora nós estamos em uma cidade pequena.

Geralmente costumo gostar de escrever com música de fundo, mas nenhuma delas seria capaz de se encaixar no agora.

Músicas são feitas para serem sentidas com os olhos fechados, seguidas de uma ou duas sensações distintas que se completam.

Exatamente como a sensação de voltar a pisar em um skate depois de cair.

Não é como eu dizia que seria, que meus pés seguiriam firmes em linha reta e que seria tranquilo. A sensação é de inutilidade por

não remar direito, bem decepcionante. Ainda mais quando não existe nada mais solitário do que um céu azul com sensação térmica de deserto.

Ela me alertou de que talvez fosse assim mesmo. Até poderíamos ter andado juntas. Minha percepção disso é amarga, e não só porque brigamos outra vez, mas porque no fundo sinto um medo que me impede de sair da estagnação e falar com ela de novo.

Alguma música para um sentimento assim?

Prazer estranho, sou aquela pessoa que quase sempre fica sentada nas escrivatinhas existentes no canto dos cômodos, ou próximas a janelas. Hoje não é diferente. Em algum lugar confortável, vejo em minha mente como um rolo de filme dois momentos com gente diferente. E uma sensação de que eu deveria esquecer algo me acompanha, estou surpreendentemente passiva quanto a isso.

Segundos depois alcanço o celular e toco na tela para apagá-la. A sensação anterior vem junto com meus dedos, e a ideia que os pensamentos talvez irão se prolongar... implorando por minha atenção. As imagens que vi foram de duas garotas com personalidades bem opostas, uma delas me faz lutar contra o impulso de querer ter o corpo em chamas. Seria como encontrar gasolina. “Fire meet gasoline”.

Claro, estou falando de Emma. Existe sincronicidade quando nossas essências se tocam, e a calma de Melanie dá lugar ao calor, eu não queria esquecer aquilo. Mas deveria. Deveria. Deveria... Emma me abraça e o topo de minha cabeça encosta em seu queixo, tão infantil, tão protegida.

Nós mudamos com o tempo, ela mudou. Mas ainda sinto como se eu fosse a telespectadora de pé em frente as quentes labaredas do fogo que me consome por dentro ao lembrar de suas últimas palavras por mensagem.

“É perigoso”, penso.

Minha amiga Melanie era a outra pessoa, e a sua calma torna qualquer coisa mais leve. Mesmo quando estamos dançando descalças em sua casa com o volume do som no máximo.

01 de abril de 2016

Não posso deixar o cansaço me vencer, mas fisicamente estou esgotada.

“Vai lá para a sua vó, fia”, ouço quando Mark diz.

São 15: 45h de uma sexta-feira.

Ele entra no meu quarto onde estou deitada de costas, lendo um livro. Não respondo de imediato, mas gostaria de ter respondido porque parece soar grosseiro. Ao mesmo tempo, para mim nada soava melhor como a minha indiferença a sua presença no meu espaço pessoal. Depois de falar ele toca nas minhas costas, talvez fosse um gesto para enfatizar a sua boa vontade. Talvez não.

Não faço absolutamente nada, não queria pensar se estava stressada ou não, entrei e me joguei na cama porque não havia nada para fazer enquanto esperava minha mãe voltar.

Segundos depois Mark me toca de novo, mas desta vez seus dedos estão descendo minhas costas. Subindo e descendo. Massageando-me os ombros. Não reajo. O último gesto é íntimo e demorado demais porém dura apenas alguns instantes.

Logo o livro é tomado das minhas mãos.

“Gostoso? Des-stressa, a massagem”, ele diz enquanto suspende o livro no ar e o examina. “Fazer isso que você faz é muito bom”, o livro se move bruscamente, “Mas deveria relaxar um pouco, parece exausta”.

Não respondo. Mark então percebe meu desgosto e devolve o livro.

“Ixxi uma vez, véi, deixei o moço fazer isso, dei um grito. Dói né, no ossinho”, diz.

“AH”, respondo sem olha-lo.

Respiro fundo.

Eu o vi no batente da porta, antes de entrar. E fiquei pensando no que Mark diria desta vez, mas não pensei que ele poderia me tocar. Minha mente estava em branco, despertando apenas para o seu “até mais tarde”. Mesmo assim respiro fundo, porque ele está me

oferecendo uma chance de ir até a casa da minha avó. E isso é algo que vem aliviando bastante meus finais de semana, pelos períodos da manhã e noite. É quando posso ficar totalmente sozinha comigo mesma. Mark está na porta novamente, seus lábios se abrem.

“Sábado você vai andar com aquele seu negócio comprido lá. Aproveita e já leva as coisas pra sua vó”.

Um segundo depois estava encarando as páginas do livro, apenas Magnus, Alec e eu. Mas não dura muito.

O guarda-roupa aberto serviria bem como paisagem para vidrar os olhos depois de jogar o livro bem lá no fundo e imaginar o quanto gostaria de ir correndo até Emma.

Não. Aquele acontecimento foi exclusivamente meu, algo que apenas EU deveria saber.

“Eu também sinto com intensidade, Emm”, digo alto.

Quero dormir nesse momento, mas não posso. Fui para o quarto e não foi para dormir, não posso me sentir cansada. Mark me ajuda quebrando a rotina, e as horas extras que ele me desse... já estaria devendo isso a ele, e pelo simples fato de ter me permitido desabar. O favor sem dúvida seria que eu continuasse não contando nada a minha mãe.

Primeira regra:

Se você suporta carregar o seu psicológico o tempo inteiro, se você tem um psicológico forte, não deixe a exaustão física te abalar se acumulando sobre você. Porque aí o seu psicológico cede, e você desaba.

Venho agindo com indiferença, como hoje. Esse é um dos problemas que meu conceito de normalidade cotidiana aceita (boa parte do tempo), pois sei que é inevitável. Também sei que, como dá última vez há alguns anos, contar para minha mãe teria pouco efeito.

Agora ele tem me visto com a vida corrida, vem puxando meu saco com pontos que podem me favorecer em casa. Como....

“Como o pai te ajuda muito, para que contar essas coisas pra sua mãe”.

E é mesmo algo que foge do meu controle evitar, enquanto eu tiver esses pontos não poderei contrariá-lo.

Comecei a sentir os efeitos de ficar calada, as cenas que vão se acumulando me abalam profundamente.

Também comecei a ficar angustiada e inconformada, mas minha consciência grita para que eu não desfizesse a ordem social de casa. Porque sentiria remorso e me corroeria de forma exagerada, junto da dor de me maldizer sem razão aparente e, por algum motivo bem estranho, junto com a neblina que abafa a visão dos demais.

Final da tarde.

Vou tomar banho na minha avó. Olho a imagem refletida no espelho por um tempo, e me incomoda a ideia de que ela só está lá porque ele quis me agradar. Assim como me incomoda o que fiz hoje cedo na escola.

“Eu gosto de uma garota”, foi o que eu disse alto.

Uma colega chegada parecia com receio de se aproximar, porque isso me incomodou tanto? Meu amor é puro e incolor.

Mas eu era exatamente o tipo de garota que era para ser acariciada pelo sexo oposto. Ou assim dizia a imagem no espelho, pele morena dourada que se ilumina com a luz artificial acima da cabeça, e um cabelo liso escuro que solto cairia quase até a cintura delineada pelas roupas.

Dear Diary, estou com pensamentos em excesso.

E. .. por mais que diga a mim mesma que necessito relaxar nada muda, então coloco meus fones e depois subo o volume até o máximo. Estou ouvindo “Fade” do Alan Walker em NCSS.

De repente quem eu seria nesse caos todo? Nada além de um amontoado de carne humana viva e dos movimentos das mãos val-

sando no ar até as articulações arderem.

01 de abril de 2016 22h 44min, sábado

Não fui dormir ainda. E já não tenho mais tanta certeza de como meu humor irá se comportar segunda-feira. Isso me faz sentir-me como uma tola. Que diferença faz se vou falar com Emma ou não?

A diferença é que agora cronometro o tempo que fico calada como algo ruim, e em muitas dessas vezes me interiorizo e me pego pensando nela. Algo que não posso de forma alguma.

Eu gosto de garotos! Ou pelo menos é o que devo pensar.

Esses pensamentos sempre me levam a mesma conclusão, de que Emm deveria saber. Mas sempre a vejo desabando em todas as minhas situações imaginárias.

22h 52min

Pensamentos não me deixam, mesmo que eles estejam ordenados. Definitivamente não consegui dormir porque não paro de pensar. A questão é que tudo fica ruim quando não paramos de pensar de forma acelerada.

Então, pensamos porque queremos quando não deixamos ir um dilema ou outro? Acredite ou não, me sinto culpada por gostar dela da forma como gosto, mas ao mesmo tempo não consigo deixar de ouvir “Girls Like Girls” e “All The Things She Said”. Há quanto tempo me torturo assim? Há quanto tempo esse sentimento oculto que era aceitável se tornou a parte cinza dos meus sorrisos? Há duas semanas?

Todos temos algo pelo qual se envergonhar.

Tirando isso, minha vida está uma bagunça. Mesmo com os sorrisos na cor cinza, mesmo com nenhuma ação fingida para estar com ela e aproveitar o nosso último ano juntas, ainda preciso me manter firme na posição de aluna com as notas mais altas da turma.

Após duas semanas as coisas voltaram a acontecer em casa, a

sensação que tenho é a de que eu posso explodir a qualquer momento, e os sorrisos ficam cada vez mais cinza. Eu não deveria levar essa preocupação para o intervalo das aulas. Devo ser agradável com minha melhor amiga e não ficar pensando na presença ambígua de Mark. Mas não sei quando ele pode ser bom, nem quando pode representar uma silenciosa ameaça. Não ter controle é algo inevitável que aprendi a aceitar, mas que não consigo absorver sem tornar o resto caótico.

E a impressão de relevância é ainda pior, tudo porque contei para Emm. Gostaria de ter dito aquilo sem pensar que há cinco anos ele já me fazia tirar a camiseta no carro, sempre quando entrávamos na estrada após um dia de trabalho. E que essas coisas sempre estiverem presentes em partes, mas ninguém ouviu meu interior gritar.

Porque nem eu mesma teria ouvido, na época.

23 de maio de 2016

Há coisas que acontecem na sua vida e são experiências traumáticas, você não fala para um psicólogo, mas, às vezes, gostaria. Ontem por volta das vinte e três horas estive controlando meu medo, é o medo de uma garota que ouve uma ordem aos cochichos. Uma simples ação de tirar a calça e esperar.

Então o que fiz foi me fechar em meu mundo, um onde tudo é bom. Porém apesar disso, eu ainda era uma garota de quase 18 anos deitada debaixo dos cobertores e com os fones no último, vendo um vídeo da irmã de 5 anos.

Minha mentalidade nesse momento não é a de alguém de 17 anos. “Eu não tenho tudo isso para contar nos dedos”, imagino. Não foi o medo de alguém que pensa passar por situações como esta pela primeira vez. O medo foi só... a vontade de contar com alguém. Abraçar alguém. Qualquer um que não tomasse atitude alguma de me julgar e apenas me abraçasse, que me tirasse de dentro de mim mesma.

Mas apesar disso correndo nas veias, não faríamos nada. Apenas

usamos aquele gel que segundo ele estimularia o desenvolvimento dos meus músculos.

Horas mais cedo eu ouvia calada ele fazer comentários sujos sobre Emm. Horas mais cedo eu já sabia o que teria que fazer, e apenas cedi de forma silenciosa. Mas eu também sabia que passaria por aquilo como se não fosse nada, passaria como alguém distante e fria, com um humor irrelevante.

Mas ontem de repente quis contar para alguém o que faríamos. Não sei se fora a agitação ao passar pela porta do corredor e ir caminhando lentamente para o quarto, pois não senti medo- medo.

Não contei. Foi um ocorrido “comum” aqui em casa. E eu? Uma simples garota comum, que gritaria se algo a mais acontecesse. Gritaria... se houvesse uma voz para ser gritada.

Não havia. Porque estaria sendo fraca e a culpa seria minha em não conseguir lidar com isso. E se não consigo lidar, que tipo de vida levarei fora de casa? Chorar sozinha.

Infelizmente os dias de me fechar e imaginar um amor que não dói acabariam em breve, eu seria um monstro ao imaginar qualquer coisa com Emma tendo consciência de que agora o F sabe disso.

O melhor que farei é acreditar que a amo com sinceridade e não apenas para fugir de situações ruins. Não usarei mais a palavra “traumáticas” porque quase sempre não estou em mim. Não interfere em minha vida. E não devo contar a Emm sobre essas situações pois...

Pensarei em algumas alternativas para acrescentar as que já existem para mim logicamente: cada uma possui a sua vida; não é para poupá-la, mas porque me sinto insignificante demais para ter impacto; o que ela pode fazer?; não posso escapar desse looping; isso não me abala o tempo todo.

Confio nela o tanto suficiente para comentar, ou será que seria para preocupá-la? Duas coisas que não faço com Melanie.

Emma não quer mais ouvir, talvez porque não consegui contar a minha mãe como ela sugeriu hoje. Mas não dependi de sua opinião para que ela me abraçasse no intervalo. Algo em mim sente que foi

por isso que meus dedos digitaram a mensagem àquela hora da noite, foi um simples “Hey, oi”.

Falar com ela é como estar sendo protegida, mesmo quando não há sentimentos intensos envolvidos.

Sabe, ocorreram alguns fatos que me abalaram psicologicamente esta semana. Estava irritada, mas nada tinha haver com Mark. Pensei algo semelhante depois de ouvi-lo reclamar sobre minha postura.

“Nem vou pedir pra você, parece irritada e de cara fechada com o pai”.

Respondi que não estava e segui dobrando o edredom sobre minha cama. E Mark demonstrara-se ressentido, o tanto para sair sem dizer outra coisa além do rotineiro “não diga a sua mãe”.

Voltando ao hoje, ele me perguntou o que eu teria dito dentro do consultório de psicologia. Onde, aparentemente, eu tratava apenas o meu “sentimento de confusão quanto a vida”.

Suspiro.

25 de maio de 2016

Talvez esse meu medo seja bobo e derive de longas meditações sobre a ideia de quem dita que o que acontece comigo é algo grave, mas TUDO sempre foi assim. E as vezes por períodos pausados.

Não sei se começou a me irritar pelo fato de ver que Emma não consegue entender minha resiliência.

Não é sobre essas coisas que quero falar agora.

Dear Diary, estou ouvindo Feel Again - Onerepublic.

27 de maio de 2016

Dear Diary,

Deveria evitar comer para me punir. Mas nesse feriado comi sem freios, sem parar. Também deveria ter evitado comer porque me sentiria pesada, e odeio me sentir de lado por razões socialmente